



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NPGEO



“30 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA”

São Cristóvão, 29 e 30 de Agosto de 2013.

ESTUDO DA TERRITORIALIZAÇÃO DO CAMPESINATO EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA NO SUL DE SERGIPE A PARTIR DAS REDES DE INTERCÂMBIO DE CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO

Jorge Enrique Montalván Rabanal

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia

Universidade Federal de Sergipe.

Pesquisador do Laboratório de Estudos Rurais e Urbanos (LABERUR/UFS)

Pesquisador do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA)

Email: rabanal80@gmail.com

Eraldo da Silva Ramos Filho

Orientador e professor do Departamento de Geografia – UFS.

Coordenador do Laboratório de Estudos Rurais e Urbanos (LABERUR/UFS)

Pesquisador do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (NERA)

Email: eramosfilho@gmail.com

Introdução

O método de trabalho da agricultura ditada pelo mercado mundial teve no aumento da produtividade sua maior demonstração de sucesso, porém utilizando sempre insumos e condições que não estão disponíveis para todos os agricultores. A intensa utilização de fertilizantes nitrogenados, a dependência da motomecanização, o apelo insistente para o desenvolvimento de monoculturas e, por fim, o uso indiscriminado de agrotóxicos são parte de um pacote tecnológico que segue evoluindo nos dias atuais em um contexto de disputa com o modelo de vida e de produção do campesinato.

As experiências agroecológicas no Brasil em sua maioria estão baseadas em uma produção de pequena escala, de famílias de pequenos agricultores, que em sua maioria utiliza-se da mão de obra familiar e com uma relação direta com os recursos naturais. A realidade antagônica que é sugerida pela agricultura moderna, onde se valoriza a grande propriedade individual, a atividade rural específica e um alto padrão tecnológico agroindustrial, retira a autonomia dos agricultores em escolher o que se planta e o que se preserva enquanto cultura camponesa.

A construção do conhecimento agroecológico vem sendo alimentada dentro do Território Sul Sergipano, por meio da relação sistematização/reflexão das experiências e de sua troca entre camponeses, materializada pelos intercâmbios onde se vislumbra favorecer

sujeitos sociais conhecedores de seu ecossistema local dispostos a discutir e propor inovações agroecológicas, que orientem a construção do modelo de desenvolvimento rural adequado aos camponeses.

O entendimento de que o movimento de territorialização do campesinato destrói e recria o capital, em uma condição de convívio permanente da conflitualidade perene entre classes sociais que disputam a política e o território será o norteador deste trabalho na busca de sistematizar as técnicas camponesas conservadas nos dias atuais; na necessidade de elencar novos elementos necessários para o serviço de extensão rural e por fim compreender as limitações apresentadas pelos projetos antagônicos aos interesses camponeses do território Sul Sergipano.

Metodologia

Dentro do território Sul Sergipano está sendo proposto dividir os intercâmbios em grupos de comunidades, sendo que o grupo 1 terá como base o município de Estância que conta com 11 Projetos de Assentamento, comportando 319 famílias, distribuídas em 3.087 hectares. Já o grupo 2 estaria referenciado na cidade de Indiaroba, que possui 10 Projetos de Assentamento, atendendo 472 famílias, em uma área de 5.812 hectares. O grupo 3 está referenciado no município de Arauá, onde também estão aglutinados assentamentos de reforma agrária dos municípios de Tomar do Geru e Umbaúba. Por fim, encontra-se em fase inicial a consolidação de uma nova rede que atenderá os assentamentos do município de Itaporanga D`Ajuda.

As atividades de intercâmbio são realizadas com referência no método de “Camponês a Camponês” (Machín Sosa et al., 2012; Holt-Giménez, 2008), que possibilita potencializar experiências exitosas no âmbito da agroecologia, identificar demandas do cotidiano dos agricultores, intercambiar os diferentes conhecimentos camponeses da região, a fim de encontrar soluções entre seus pares para eventuais problemas vividos em suas unidades produtivas. Tal metodologia surgiu da experiência de campesinos Mayas Kaqchikeles de Chimaltenango na Guatemala, a metodologia estendeu-se a outras experiências de outros países como México e Nicarágua, e passou a ser mais conhecida devido à experiência com os campesinos cubanos (Machín Sosa; et al., 2012).

Os primeiros intercâmbios em Sergipe tiveram início no mês de junho de 2012 e o roteiro que os norteia está dividido essencialmente em três momentos, que ocorrem não necessariamente nesta ordem e que podem coexistir com outros momentos que se considerem necessários. O primeiro é o momento da “Memória do Agricultor”; nele solicita-se ao

agricultor ou agricultora, que recebe o intercâmbio em sua propriedade, que conte sua história de vida, indicando, de maneira direta ou indireta, que fale de como se deu o seu contato com a agricultura, observamos ser comuns temas como a vida na infância, fazendo referência ao modo de agricultura realizado pelos pais ou avós; temas ligados à preservação, o uso de agrotóxicos, alimentação e a relação destes com a saúde; e sobretudo a experiência de militância no MST (no caso dos agricultores assentados este tema é unânime), que não abarca apenas a experiência de acampamento e assentamento, mas sugere as formas de coletividade e reciprocidade construídas neste processo, bem como as relações de trabalho e com a terra que se resignificam ao compararem o trabalho anterior, vendido nas terras de outros, e o valor da posse da terra na forma de um trabalho livre.

O segundo momento é a visita à área de produção. A família que recebe o intercâmbio guia os demais participantes em suas áreas de produção, mostrando os cultivos e pontuando dificuldades, ou estratégias agroecológicas que utilizem. No decorrer dos encontros foi possível visualizar um diálogo cada vez maior entre os participantes neste momento, o que de início se restringia a conversas paralelas, e à fala de poucos, aos poucos se transformou em uma atividade bastante participativa, em que grande parte do grupo presente opina e questiona a experiência observada, sendo interessante ressaltar que ao voltar da caminhada, muitas vezes aqueles que pareciam mais distantes relatavam pontos importantes do que haviam observado, e em alguns casos quando tivemos a oportunidade de acompanhar agricultores que frequentam por um período mais longo os intercâmbios, percebemos que muitos deles reproduzem algumas das práticas observadas em suas propriedades.

A atividade é geralmente finalizada com uma conversa, geralmente isso ocorre de duas formas, que podem acontecer juntas no mesmo dia, isoladas ou com alguma alteração que não modifique seu sentido. A primeira forma é através de um símbolo do local. Para exemplificar, durante a visita na área é solicitado a todos que estão presentes que levem com eles algum objeto que encontrarem e que possa simbolizar o encontro. No final do intercâmbio, sentados juntos, cada um apresenta seu objeto e o que ele representa. Neste momento surgem histórias pessoais, referências ao camponês que está recebendo o projeto, sobre agroecologia, entre outras coisas. O outro método é a partir de uma pergunta que remeta às impressões, da experiência visitada, em geral aqui são apontadas sugestões para a produção, coisas que aprenderam, aspectos que foram admirados etc. Pode ser considerado o momento em que todos tem a oportunidade de trocar suas impressões sobre a vivência do intercâmbio. Ao final, são sugeridos nomes de pessoas que podem se interessar a participar do grupo e também é

decidida a próxima família disponível a receber a atividade em sua unidade de produção. A presença nas atividades é diversificada, em gênero e faixa etária.

A proposta para encaminhamento do projeto, é que ao completar dez atividades de intercâmbio, seja realizada uma atividade de devolução, com pontos importantes que foram trabalhados com o grupo e perguntas, que contribuam com a sistematização desta etapa de trocas de conhecimento. Esta experiência, até então, foi realizada apenas com uma das quatro redes, onde foi construída uma matriz de sistematização (DIEZ HURTADO, 2001), analisada previamente e que sugere perguntas a serem debatidas entre os agricultores no decorrer da atividade de devolução. Este momento de observação participativa gerou uma lista de princípios construída pelos agricultores com o fim de guiar as questões a serem trabalhadas na etapa que seguiria os intercâmbios. Os princípios listados na primeira sistematização agroecológica foram: plantar sem veneno; não usar fogo, cuidar do solo, plantar para não comprar; diversidade e integração lavoura-pecuária; produzir o próprio adubo; controle alternativo de pragas; ter e saber usar árvores; aproveitar mato para cobertura; troca de saberes, soberania alimentar; respeito e valorização da mulher. A partir dos princípios são sugeridas oficinas que completam a dinâmica dos intercâmbios.

Expectativa de Resultados

Com o desenvolvimento do trabalho fica evidenciada a importância estratégica do campesinato e da agroecologia na produção de alimentos saudáveis, fibras e energia limpas e sem impactos negativos aos recursos naturais, pode-se concluir que a metodologia “camponês a camponês” mostrou-se eficiente para a irradiação do conhecimento.

Os aprendizados referem-se à forma de construção coletiva necessária para a introdução de conhecimento com conceitos de maior complexidade, como agrofloresta sucessional e, a perspectiva de construção de uma nova abordagem para a extensão rural em agricultura familiar e camponesa em territórios de identidade rural.

Referências Bibliográficas

- Diez Hurtado, A. **Guia Metodológico para la Sistematización de Experiências del Secretariado Rural**. Lima: Secretariado Rural de Peru, 2001.
- HOLT-GIMÉNEZ, Eric. **Campesino a Campesino: Voces de Latino América, movimiento campesino a campesino para La agricultura sustentable**. Managua, 2008.
- SOSA, Braulio Machín; Jaime, Adilén María Roque; Lozano, Dana Rocío Ávila; Rosset, Peter Michael. **Revolução Agroecológica: O Movimento Camponês a Camponês da Anap em Cuba**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

Eixo de inscrição: Análise Agrária